

IV PROJETAR 2009

PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA

FAU - UPM SÃO PAULO BRASIL

Outubro 2009

EIXO: HIBRIDAÇÃO

A TIPOLOGIA COMO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E A METÁFORA NA ARQUITETURA

MARIA CLARA AMADO MARTINS

Arquiteta, Professora Dra. FAU-UFRJ, [mariaclaraamado@gmail.com](mailto:mariaclaraamado@gmail.com)

Praça Comandante Xavier de Brito nº 26 aptº 401, Tijuca, Rio de Janeiro - RJ, Cep. 20511-400

## Resumo

### A Tipologia como processo de investigação e a metáfora na arquitetura.

A simbiose entre ensino, pesquisa e prática sempre esteve presente no processo da educação. Valorizar este trinômio fortalece o seu vínculo no processo investigatório do projeto para que não se perca o equilíbrio entre as partes, e, também, para que não ocorra a possibilidade de uma sobrepor-se às outras. O estudo da *tipologia*, recorrente na teorização de diversos arquitetos, justifica-se aqui, como processo para investigar o tema – *projeto* - e suas relações entre o *ensino*, a *pesquisa* e a *prática*, apoiando-se no conceito de *tipo* como fundamento da arquitetura e na tipologia como o modelo analítico da arquitetura. A aproximação da tipologia como processo de investigação, a partir da ‘comparação metafórica’ na arquitetura, está baseada no entendimento da metáfora enquanto figura de linguagem, em que há a substituição de um termo por outro, na dualidade de significados e na relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam. A implantação do Plano Piloto para a Barra da Tijuca na zona oeste do Rio de Janeiro, nos anos 70, de autoria de Lúcio Costa, surge como estudo de caso para esta associação entre a figura de linguagem e o estudo da tipologia, através da percepção das imagens que são criadas pelas metáforas e as relações de semelhança que elas vão produzir, baseadas na intensa discussão entre realizar ou não na Barra a semelhança com a zona sul do Rio. O processo de análise considera a busca da metáfora como um fenômeno enriquecedor para a cultura social e integrante da formação tipológica, sustentando-se no campo teórico por autores que trabalham com a Tipologia, como Quatremère de Quincy, Rossi, Argan e Colquhoun, e, para a aproximação entre Tipologia e Metáfora, através de Moneo, Hegel e Consiglieri.

Tipologia, Metáfora, Arquitetura

## Abstract

### Typology as a Process of Investigation and as a Metaphor in Architecture.

The symbiosis between teaching, research and application has always been a part of the education process. Respect for this triad strengthens its ties within a project's investigative process so that each factor remains equal to the others, and also to prevent the possibility of any one factor standing out from the others. The study of *typology*, recurrent in the theorization of diverse architects, is justified here, as a process by which to investigate the theme – *project* – and its relationships with *teaching*, *research* and *application*, based on the concept of *type* as a foundation of architecture and on *typology* as an analytical model of architecture. The association of *typology* as an investigative process, starting with “metaphoric comparison” in architecture, is based on the understanding of the metaphor as a figure of speech, in which there is a substitution of one term for another, in the duality of meanings and in the similarities among the elements that these terms define. The implementation of the Pilot Plan for the neighborhood of Barra da Tijuca in the west zone of Rio de Janeiro, in the 70s by Lucio Costa, emerges as a case study for the association between the figure of speech and the study of *typology*, through the perception of the images which these metaphors create and the similarities that they will generate, based on the intense discussion as to whether Barra da Tijuca should have the same appearance as the south zone of Rio de Janeiro. The analytical process considers the search for a metaphor and enriching phenomenon for social culture and an integral part of *typological* formation, supported by the group of theories by authors that work with *Typology*, such as Quatremère de Quincy, Rossi, Argan and Colquhoun, and for the association of *Typology* and *Metaphors*, by Moneo, Hegel and Consiglieri.

Typology, Metaphor, Architecture

## Resumen

### La Tipología como proceso de investigación y la metáfora en la arquitectura.

La simbiosis entre enseñanza, pesquisa y práctica siempre ha estado presente en el proceso de la educación. Valorar este trinomio fortalece su vínculo en el proceso investigador del proyecto para que no se pierda el equilibrio entre las partes, y, también para que no haya la posibilidad de una sobreponerse a las demás. El estudio de la tipología, recurrente en la teorización de diversos arquitectos, se justifica aquí, como proceso para investigar el tema – *proyecto* – y sus relaciones entre la enseñanza, la pesquisa y la práctica, basándose en el concepto de *tipo* como fundamento de la arquitectura y en la tipología como modelo analítico de la arquitectura. La aproximación de la tipología como proceso de investigación, a partir de “la comparación metafórica” en la arquitectura, está basada en el entendimiento de la metáfora como figura del lenguaje, en la cual hay la sustitución de un término por otro, en la dualidad de significados y en la relación de semejanza entre los elementos que esos términos designan. La implantación del Plano Piloto para Barra de Tijuca en la zona oeste de Río de Janeiro, en los años 70, de autoría de Lúcio Costa, surge como estudio de caso para esta asociación entre la figura del lenguaje y el estudio de la tipología, por medio de la percepción de las imágenes que son creadas por las metáforas y las relaciones de semejanza que ellas van a producir, basadas en la intensa discusión entre realizar o no en Barra la semejanza con la zona sur de Río. El proceso de análisis considera la búsqueda de la metáfora como un fenómeno enriquecedor para la cultura social e integrante de la formación tipológica, sosteniéndose en el campo teórico por autores que trabajan con la Tipología, como Quatremère de Quincy, Rossi, Argan, Colquhoun y, para la aproximación entre Tipología y Metáfora, a través de Moneo, Hegel y Consiglieri.

Tipología, Metáfora, Arquitectura

## A Tipologia como processo de investigação e a metáfora na arquitetura.

A simbiose entre ensino, pesquisa e prática sempre esteve presente no processo da educação. Valorizar este trinômio fortalece o seu vínculo no processo investigatório do projeto para que não se perca o equilíbrio entre as partes, e, também, para que não ocorra a possibilidade de uma sobrepor-se às outras. Como então analisá-las dentro do contexto proposto?

O estudo da *tipologia* tem sido recorrente na teorização de diversos arquitetos e justifica-se aqui, como processo para investigar o tema – *projeto* - e suas relações entre o *ensino*, a *pesquisa* e a *prática*, apoiando-se no conceito de *tipo* como fundamento da arquitetura e na *tipologia* como o modelo analítico da arquitetura.

Um dos primeiros teóricos a tratar a definição de tipo, Quatremère de Quincy, compreendeu a importância desta discussão para a arquitetura, através da distinção entre modelo e tipo : “...tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo”<sup>1</sup>. Baseando-se nesta disposição, não se busca entender o processo formativo do tipo, mas, em nenhum momento, contesta-se que foram formadas tipologias arquitetônicas ao longo da história e que sua transmissão se dá por veículos como a literatura e a prática da arquitetura.

O projeto, enquanto modo constitutivo da arquitetura é o fato arquitetônico concebido como uma estrutura que se revela e é reconhecível no próprio fato. Ao entender este fato como tipo, encontramos em Rossi a definição de que “o tipo é a própria idéia da arquitetura, aquilo que está mais próximo da sua essência. É, portanto, aquilo que, não obstante qualquer mudança, sempre se impôs ao sentimento e à razão, como o princípio da arquitetura e da cidade”<sup>2</sup>.

Outros autores entendem a importância do apoio da tipologia ao processo de projeto, enquanto partícipe de uma metodologia de projeto, como por exemplo os arquitetos Rafael Moneo e Alan Colquhoun em seus estudos. Em Argan, também encontramos embasamento para justificar a escolha da tipologia como sistema de investigação projetual, quando afirma a sua co-relação com o projeto:

Em todo projeto arquitetônico há portanto um aspecto tipológico: seja no sentido de que o arquiteto busca conscientemente aproximar-se de um tipo ou afastar-se dele, seja no sentido de que toda obra arquitetônica visa, definitivamente, a colocar-se como um tipo.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine C. apud ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e destino*. Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 66.

<sup>2</sup> ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 27.

<sup>3</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e destino*. Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 68.

A aproximação da tipologia com o processo de investigação, a partir da ‘comparação metafórica’ na arquitetura, está baseada primeiramente no entendimento da metáfora enquanto figura de linguagem, em que há a substituição de um termo por outro, criando-se uma dualidade de significados que estabelece uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam. Essa semelhança é resultado da imaginação e da subjetividade de quem cria a metáfora.

Apresentadas as questões que substanciam a ‘metáfora’ passemos, a seguir, à associação entre esta figura de linguagem e o estudo da tipologia pela percepção das imagens que são criadas pelas metáforas e as relações de semelhança que elas vão produzir. E este conceito de semelhança ou similaridade ou similitude, está na definição de Moneo, sobre o conceito de tipo:

O conceito de *tipo* se baseia fundamentalmente na possibilidade de agrupar os objetos servindo-se daquelas similitudes estruturais que lhes são inerentes, poderia dizer inclusive que o tipo permite pensar em grupo.<sup>4</sup> (*grifo nosso*)

E assim relaciona-se a metáfora ao tipo. Para Victor Consiglieri, a metáfora é mais do que isso. Segundo o autor, “a metáfora como forma de expressão estética social, constitui um fenômeno enriquecedor para a cultura social e não propriamente para o artista em si”.<sup>5</sup>

Em busca da metáfora como um fenômeno enriquecedor para a cultura social, o bairro da Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio de Janeiro, aparece como estudo de caso para tratar esta temática, considerando as relações de semelhança criadas pelo seu Plano Piloto (1969), de autoria do arquiteto Lúcio Costa, com a cidade do Rio de Janeiro.

Entendendo a metáfora como criadora de semelhanças, a gênese desta relação é encontrada, não no desejo do arquiteto ao realizar seu Plano, mas sim nos primeiros anos de sua implantação.

Isto porque, Costa evidencia no Plano a intenção de fazer do bairro um novo eldorado urbano, e evitar os erros dos modelos da zona sul, modelos estes já superados, segundo o arquiteto .

Na citação abaixo, o arquiteto demonstra na intervenção que propõe para o bairro o desejo de realizar ali um novo *foco metropolitano*, “não à maneira de Copacabana e Tijuca”, retornando a

---

<sup>4</sup> MONEO, Rafael apud STROHER, Eneida Ripoll (Org.). *O Tipo na arquitetura: da teoria ao projeto*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001, p. 27.

<sup>5</sup> CONSIGLIERI, Victor. *As significações da arquitetura*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000, p. 214.

unidade que a cidade havia perdido. Ou seja, o modelo de Copacabana é refutado, enquanto centro autônomo.

Desta constatação resulta que deverá fatalmente surgir na baixada um novo foco metropolitano Norte-Sul, beneficiado pelo espaço, pelo acesso (...), e que não será apenas um novo centro relativamente autônomo à maneira de Copacabana e Tijuca, mas, como se verá adiante, novo pólo estadual de convergência e irradiação.<sup>6</sup> (*grifo nosso*)

A vontade de criar na Barra a semelhança com a zona sul, sem repetir seus erros, é compartilhada pelos promotores deste direcionamento urbano para a zona oeste - o poder público. É evidente a vontade de fazer da Barra a “novíssima Zona Sul” conforme afirma Gerônimo Leitão, ao falar da expansão da cidade para a zona oeste:

Observa-se, também, nesse período, a expansão da parte rica da cidade em direção a São Conrado e Barra da Tijuca. Uma expansão viabilizada de forma decisiva, pela ação do poder público, através de investimentos maciços na construção de um complexo sistema viário (estradas, viadutos, túneis, elevados); da implantação da infraestrutura urbana necessária para a ocupação a curto prazo da “novíssima zona sul”...<sup>7</sup> (*grifo nosso*)

Mas, nem tudo ocorreu como planejado. À medida que o Plano de Lúcio Costa é implantado, a aproximação do conceito de tipologia edilícia ao de morfologia urbana sofrerá injeções da sociedade<sup>8</sup> que queria repetir na zona oeste a metáfora da zona sul. A nova zona sul preconizada no Plano, é, para a sociedade e todos os seus agentes, a “própria zona sul”, através da repetição de alguns de seus modelos.

Neste momento temos a metáfora. Ela está no desejo de que a Barra da Tijuca fosse a “zona sul”, mas, com uma tipologia urbana voltada para os ideais modernistas. A imagem da zona sul é a imagem que reverbera na apropriação litorânea da cidade.

---

<sup>6</sup> COSTA, Lúcio. *Plano Piloto para a urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência jornalística Image – Secretaria de Obras Públicas, 1969, p. 6.

<sup>7</sup> LEITÃO, Gerônimo. *A construção do Eldorado Urbano. O plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999, p. 20.

<sup>8</sup> Esta “sociedade” que atua é composta pelos novos moradores, promotores, incorporadores imobiliários, construtoras, poder público e os demais agentes que partilharam da implantação do Plano.

E assim, ainda que contrariasse os preceitos urbanos de Costa, e a imagem primeira que fez da Barra da Tijuca, já em 1976 são encontradas pistas e publicações de relação e semelhança entre a orla da Barra da Tijuca, av. Sernambetiba, e os modelos das orlas da Av. Atlântica em Copacabana e da Av. Vieira Souto em Ipanema.

Instaura - se, então, a “geografia da dúvida”<sup>9</sup>, onde é fomentada uma discussão ética em busca de um modelo para o bairro. Nesta discussão sobre como deve ser o perfil da orla da Barra, a Av. Atlântica sobrepõe-se como a melhor alternativa.

A justificativa é simples: a Av. Vieira Souto não concede nada à população que circula pela área, a não ser a faixa de areia, enquanto que a Av. Atlântica apresenta-se, realmente, como zona de vocação turística da cidade, por causa do uso misto – bares, restaurantes e boates. Trata-se da orla da mais famosa praia brasileira e, por isso, a receita fundamental para a Sernambetiba que deverá ter empreendimentos turísticos.

É na orla da mais famosa praia brasileira que está a receita fundamental para a da Sernambetiba, que deverá conter tantos empreendimentos turísticos quanto for capaz de suportar. E esses deverão ser incentivados e, de certa forma, dimensionados pelas próprias companhias que cuidam disso no país, tal como a Embratur e, no caso específico do Rio de Janeiro, a Riotur.<sup>10</sup>

O modelo de Copacabana é o melhor, a Atlântica é mais turística que a Vieira Souto, o que é melhor para a Barra. Se antes era negada, Copacabana agora aparece como solução. Vale lembrar a importância que esta praia tem dentro do imaginário da cidade do Rio de Janeiro. A metáfora “Copacabana, princesinha do mar”, reforça o seu valor como orla.

Neste momento, ao refletir sobre as imagens criadas na Barra e sua relação com a metáfora, vale pensar em Hegel, uma vez que de acordo com seus conceitos, considera a metáfora como “uma interrupção do curso da representação e uma distração permanente, já que desperta e combina imagens que não são encontradas em essencial relação com a coisa”<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> MARTINS, Maria Clara Amado. Barra da Tijuca e a geografia da dúvida: ser Copacabana ou Ipanema? In: FERNANDES, Neusa; COELHO, Olinio Gomes P. (Org.). *História e Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico-RJ. 2008, p. 145.

<sup>10</sup> Na barra, o refúgio para uma nova forma de viver. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, mai. 1976, p.24.

<sup>11</sup> HEGEL, G. W. F. apud CONSIGLIERI, Victor. *As significações da arquitetura*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000, p. 214.



A imagem de Copacabana revela esta “distração permanente”, como a percepção e apreensão mantidas de uma imagem básica da cidade, e as metáforas revelam a refração de uma visão única, que mantém viva as imagens já consolidadas desta mesma cidade.

É importante ter em mente que a realização desta semelhança com Copacabana urgia algumas mudanças, e assim, as injunções tipológicas colocadas por Lúcio Costa sofreram alterações, como o aumento do gabarito da orla, de dois pavimentos e cobertura para cinco pavimentos e cobertura, possibilitando na área do pavimento inferior 20% de apoio à praia, avenida e comércio.

O fato é que hoje, passados 30 anos, o perfil da av. Sernambetiba concentra diversos pólos de comércio e lazer, e mais se assemelha ao de Copacabana do que de outra orla da cidade.



1.Av. Sernambetiba – Concentração de pólos de comércio e lazer, 2007.

Também, face à esta relação de semelhança, alterou-se a morfologia urbana inicialmente proposta por Costa para o bairro, sob o ponto de vista do estudo da forma da cidade, interferindo no seu padrão de arruamento, tamanho e forma dos prédios, densidade populacional e usos (residencial, comercial, industrial).

A tipologia tem se apoiado cada vez mais no estudo da morfologia, apoiada no fato que ela é um conceito relacionado à imagem e à leitura que os indivíduos fazem dos objetos arquitetônicos e urbanos (edifícios, praças, ruas, cheios e vazios). Segundo José Lamas, a

morfologia “é a disciplina que estuda o objeto – a forma urbana – nas suas características exteriores, físicas, e na sua evolução no tempo”.<sup>12</sup>

A morfologia urbana proposta para a Barra encontra respaldo na construção de uma tipologia urbana que buscava a “boa cidade” levantada por Leon Krier, através do encurtamento de percursos, ou a cidade levantada por Jacobs, fruto de seus moradores e principais produtores e construtores, ou ainda, o resgate da memória proposto por Rossi e Harvey.

Na obra dos irmãos Krier existe uma visão tipológica da cidade que engloba componentes estruturais vistos na cidade antiga, a que cresce horizontalmente, a antítese do carro como protagonista. E a história é um condicionante incorporado à tipologia.

O entendimento de tipo é deduzido da experiência da história e o nascimento de um tipo é condicionado ao fato de já existir uma série de edifícios que têm entre si uma evidente analogia formal e funcional. Ou seja, quando um tipo se fixa na prática ou na teoria arquitetônica, ele já existe numa determinada condição histórica da cultura, ligado ou como resposta às exigências ideológicas, religiosas ou práticas.

Assim, *tipo*, *metáfora* e *imagem* se entrelaçam e encontram um sentido comum na investigação projetual. Mas as relações de similaridade não acabam por aí.

A recorrência da metáfora na Barra da Tijuca, lembrando a “novíssima Zona Sul”, na gênese do Plano Piloto para a Barra, remete-se também ao projeto dos dois primeiros condomínios para o bairro, “Nova Ipanema” (1974) e “Novo Leblon” (1976), dos arquitetos e irmãos Edson e Edmundo Musa.

Lúcio Costa não quer os males da Zona Sul da cidade na Barra, mas quer a novíssima Zona Sul na Barra. Despreza-se o modelo, mas ele é referendado como fator de atração. Uma figura de linguagem que deixa dúvidas sobre a verdade da negação ou uma estratégia de marketing, baseada em signos já consolidados para atrair novos moradores? Os nomes adotados pelos condomínios pioneiros, logo no início do anos 1970 – Novo Leblon e Nova Ipanema – revelavam a necessidade de sua associação aos espaços mais prestigiados do Rio.

Os condomínios não foram projetados por Lúcio Costa, mas sua busca por referências do Leblon e Ipanema ficaram latentes nos encartes publicitários que anunciavam a sua venda, como neste encarte do Novo Leblon, onde se lê: “muita gente comprou e investiu certo antes, você vai comprar e investir melhor agora”.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> LAMAS, José P. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1992, p. 38.

<sup>13</sup> Texto colocado no encarte original utilizado para o lançamento do Condomínio Novo Leblon em 1976.



2. Encarte original para lançamento do Novo Leblon, 1976

“muita gente comprou e investiu certo antes...”



3. Encarte original para lançamento do Novo Leblon, 1976

“...você vai comprar e investir melhor agora”

É importante lembrar que o estudo da tipologia na arquitetura não é recente. Assim como o estudo da metáfora em arquitetura também não o é. As visões e definições acerca da apropriação destes dois campos pela arquitetura é que mudaram. Novos paradigmas de leitura têm surgido à medida que os efeitos na produção artística têm revelado um novo e crescente olhar relacionado às possibilidades formais dos projetos.

No discurso de Consiglieri sobre a metáfora, há um exercício de pensamento que se adequa às relações apresentadas neste estudo de caso - Barra da Tijuca. Para o autor, a “metáfora não é uma associação por imagens, mas sim de várias, independentes, numa composição dessas

imagens. Pode também dizer-se que a metáfora traduz o semelhante servindo-se do dissemelhante.”<sup>14</sup>

A reflexão sobre o fato da metáfora traduzir o “semelhante pelo dissemelhante”, encontra eco lá nos primórdios da discussão sobre o Plano da Barra. As analogias e os caminhos em busca das semelhanças com a zona sul da cidade, começaram na afirmação de suas diferenças através da busca da ‘novíssima zona sul’ e da ‘não repetição dos defeitos da zona sul’, assim como, de todas as outras relações já citadas.

Considerando que a cidade do Rio de Janeiro, do ponto de vista litorâneo, apresenta uma associação de diversas imagens da zona sul, e a Barra precisava se apropriar disso para emergir como um novo bairro nesta cidade, compreende-se porque seus agentes serviram-se do dessemelhante, do desigual, para buscar as suas referências. A realização desta busca resultou num bairro entre o semelhante e o diferente, mas único, onde se percebe na investigação de sua tipologia arquitetônica a presença recorrente da metáfora.

---

<sup>14</sup> CONSIGLIERI, Victor. *As significações da arquitectura*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000, p. 214.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e destino*. Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

AYOMONINO, Carlo. *El significado de las ciudades*. Madrid: Hermann Blume, 1975.

COLQUHOUN, Alan. *Modernidade e Tradição Clássica - Ensaio sobre Arquitetura (1980-1987)*. Trad. Christiane Brito. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

CONSIGLIERI, Victor. *As metáforas da arquitetura contemporânea*. Lisboa: Editorial Estampa, 2007.

CONSIGLIERI, Victor. *As significações da arquitetura*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

COSTA, Lúcio. *Plano Piloto para a urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência jornalística Image – Secretaria de Obras Públicas, 1969.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

HEARN, Fil. *Ideas que han configurado edificios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

HEGEL, G. W. F. *La Arquitectura*. Trad. Alberto Clavería. 3. ed. Barcelona: Editorial Kairós, 2001.

LAMAS, José P. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1992.

LEITÃO, Gerônimo. *A construção do Eldorado Urbano. O plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.

MARTINS, Maria Clara Amado. Barra da Tijuca e a geografia da dúvida: ser Copacabana ou Ipanema ? In: FERNANDES, Neusa; COELHO, Olinio Gomes P. (Org.). *História e Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico-RJ., 2008.

NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STROHER, Eneida Ripoll (Org.). *O Tipo na arquitetura: da teoria ao projeto*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

### Periódicos

RODRIGUES, Luciana. Era uma vez um balneário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1999. Morar Bem, p. 1.

Na barra, o refúgio para uma nova forma de viver. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, mai. 1976, p.24.

## **Listagem das Ilustrações**

Figura 1. Acervo particular, 2007, autoria foto: Maria Clara Amado Martins

Figura 2. Acervo particular, encarte lançamento do Novo Leblon, 1976, autoria foto: Maria Clara Amado Martins

Figura 3. Acervo particular, encarte lançamento do Novo Leblon, 1976, acervo particular, autoria foto: Maria Clara Amado Martins